

Artigo

Macabéa: o retrato de um Nordeste minorizado

Cátia Aparecida Fialho da Silva*

Resumo

O presente trabalho pretende identificar quais semelhanças e/ou diferenças de abordagens sobre o êxodo rural do Nordeste para o Sudeste brasileiro na década de 1960 são possíveis entre a obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e as produções históricas sobre o tema. A metodologia consiste em consultas a diferentes teóricos que abordam a teoria da Literatura, o materialismo dialético e a relação entre História e Literatura. Conclui-se que a obra em questão, apesar de ter sido escrita em 1970, trata de um tema atual, pois ainda hoje muitos nordestinos partem para as regiões Sul e Sudeste no intuito de melhorar de vida, mas, ao chegarem ao seu destino, na maioria das vezes, são hostilizados e ficam à mercê de uma organização social capitalista, que os estigmatiza e os marginaliza.

Palavras-chave: História. Literatura. Êxodo rural. Nordeste. Sudeste. Brasil. Estudo comparado.

Macabea: the portrait of a minorized Northeast

Abstract

*The present work intends to identify which similarities and/or differences in approaches on the rural exodus from the Northeast to the Southeast of Brazil in the 1960s are possible between the work *A Hora da Estrela*, by Clarice Lispector, and historical productions on the subject. The methodology consists of consultations in different theorists who approach the theory of Literature, dialectical materialism and the relationship between History and Literature. It is concluded that the work in question, despite having been written in 1970, deals with current theme, since even nowadays many Northeasterners leave to South and Southeast regions in order to improve their lives, but, when they reach their destination, in most of the time, they are harassed and are at the mercy of a capitalist social organization, that stigmatizes and marginalizes them.*

Keywords: History. Literature. Rural exodus. Northeast. Southeast. Brazil. Comparative study.

* Graduada em Letras. Especialista em História do Brasil Contemporâneo (FAPA).

Tudo isso, sim, a história é história. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra, atingi-la é meu primeiro dever para comigo.
Clarice Lispector

O presente trabalho tem como tema o êxodo rural no Brasil na década de 1960, e como delimitação, o êxodo rural no Brasil (1970). É um estudo comparado entre a História e a Literatura, que busca compreender aspectos sociais inerentes a essas áreas, uma vez que tais narrativas “têm o real como referência para confirmar ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão ou ainda para ultrapassá-lo. São representações que se referem à vida e que a explicam” (PESAVENTO, 2006, p. 14).

O problema que se coloca nesta pesquisa é identificar quais semelhanças e/ou diferenças de abordagens sobre o êxodo rural do Nordeste para o Sudeste brasileiro, na década de 1960, são possíveis entre a obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e as produções históricas sobre o tema. A hipótese é de que o Nordeste minorizado, retratado na obra em questão, apresenta aspectos próximos da realidade do êxodo rural do Nordeste para as regiões Sul e Sudeste que a historiografia brasileira tem evidenciado.

Nesse âmbito, é objetivo desta pesquisa comparar a perspectiva do êxodo rural do Nordeste para o Sudeste brasileiro no período de 1960, apresentado na referida obra literária, com a abordagem histórica sobre o tema, verificando-se suas semelhanças e/ou diferenças. Para tanto, seus objetivos específicos buscam analisar o processo de urbanização no Brasil em 1960, focando as razões do fenômeno migratório do Nordeste para a região Sudeste; analisar a obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, examinando o cenário da migração nordestina para o Sudeste brasileiro, e relacionar o êxodo rural nordestino apresentado na obra *A Hora da Estrela* com a historiografia sobre o tema, identificando aspectos de proximidade e /ou distanciamento entre os dois cenários (histórico e literário), no tocante às

razões do êxodo nordestino e o contato do migrante do Nordeste com o Rio de Janeiro. A metodologia aplicada durante este trabalho consiste em consultas a diferentes teóricos que abordam a teoria da Literatura, o materialismo dialético e a relação entre História e Literatura. A pesquisa foca nas contradições que envolvem os personagens urbanos e os vindos da zona rural, assim como, mostra que a protagonista, Macabéa representa o grupo de minorizados que, segundo consta no dicionário Aulete digital, são todos os indivíduos deixados para segundo plano, ou seja, para o plano inferior. A personagem por ser incompetente para vida, mostra seus limites na atuação da sua realidade contraditória, pois ela “só vagamente toma conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma” (LISPECTOR, 1977, p. 24). A metodologia ainda busca fazer um apontamento às nuances que abrangem a questão do indivíduo incluído e excluído que aparecem na obra e que são representantes do contexto histórico vigente. Envolve ainda, a organização de leituras com fichamentos das ideias mais relevantes, como também o estudo da função histórico-literária de uma obra.

Fundamentação Teórica

Para esta pesquisa, algumas obras são esteio e base de sustentação historiográfica. Portanto, sua revisão bibliográfica traz como exemplos Marco Antonio Villa (2000), que narra o massacre de milhões de nordestinos na década de 1960 e reconstrói a saga dos retirantes à procura de salvação, fugindo da destruição trazida pelas grandes secas então ocorridas; Antônio Candido (1976), que procura identificar as possíveis influências efetivas do meio sobre as obras literárias e analisar o conteúdo social dessas narrativas, geralmente com base em motivos de ordem moral ou política, repetindo a afirmação ou deixando-a implícita de que a arte deve ter um conteúdo deste tipo, e que esta é a medida de seu valor; Alfredo Bosi (1984), o qual, em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, apresenta o uso do conceito de valores e antivalores presente na poesia e expresso por meio das

personagens, das falas e expressões, que se referem ao que é intrínseco ao ser humano, e exemplificam o que é ética somada à estética, à teoria e à prática. Suzi Frankl Sperber (1983), em *Os pobres da literatura brasileira*, afirma que: “‘A Hora da Estrela’ é uma narrativa que se insere plenamente no hoje, pois há pobreza, fome, doença e morte violenta é uma história para as patrulhas ideológicas não botarem defeito” (SPERBER, 1983, p. 74).

Além desses estudos, as ideias de Karl Marx, também serão referência. Em *Sociologia e Filosofia de Karl Marx*, de T. B. Bottomore e Maximilien Rubel (1964), é dito que a forma econômica específica em que o excedente de trabalho não-pago é bombeado para longe dos produtores diretos determina a relação de domínio e servidão, tal como surge diretamente da produção mesma e a seu turno reage sobre a produção. Sobre esse prisma, surge toda a estrutura da comunidade econômica que nasce das condições da própria produção e é conseqüentemente a sua forma política específica. É sempre a relação direta, entre os donos das condições de produção e os produtores diretos, que revelam o mais íntimo segredo, o oculto alicerce de todo o edifício social, e também, portanto, a forma política de relação entre soberania e independência, em suma, a forma particular de Estado.

Decca e Lemaire (2000), no que diz respeito à relação entre História e Literatura, propõem que o historiador entenda a Literatura como um possível convite para a reflexão sobre o passado, uma vez que a Literatura, mais que a História, apresenta uma extensa trajetória, tematizada pelos grupos marginalizados da pretendida modernidade urbano-industrial e pela abordagem de múltiplas esferas da vida cotidiana que somente em décadas recentes passou a ser incorporada ao “território do historiador”. Candido (1976), em *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, afirma que: “à medida que se remonta na História temos a impressão de uma presença cada vez maior do coletivo nas obras; e é certo que forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor” (CANDIDO, 1976, p.127).

Outra referência que interessa a este estudo é a de Damiani (2011). A autora defende a ideia que tanto as migrações internacionais, como as migrações internas rural-urbana, rural-rural comprovam o processo de expropriação (a concentração da propriedade), e de exploração, que marcam o desenvolvimento do capitalismo em países como o Brasil. No aspecto que envolve a relação do êxodo rural com a obra literária em questão, Damiani diz que os movimentos migratórios qualificados como migrações econômicas temporárias estão ligados às flutuações do emprego. “As economias e as sociedades se diferenciam cada vez mais pela sua aptidão em absorver no mercado de trabalho as camadas jovens, e pela maior ou menor rapidez de eliminação dos trabalhadores envelhecidos” (DAMIANI, 2011, p. 35). Reproduz-se a contradição entre o afluxo às cidades e a redução quantitativa do engajamento nas atividades de produção. A migração rural-urbana comportaria, inclusive, o aumento quantitativo e qualitativo dos conflitos sociais.

Para o desenvolvimento deste trabalho alguns conceitos são fundamentais. Segundo José Luiz Martins Nunes (2009) entende-se por Modernismo o estilo literário e artístico consubstanciado pela Semana de Arte Moderna. Com relação ao conceito de identidade, Kalina Vanderlei Silva (2005) diz que: “a noção de identidade gerou muitos conceitos diferentes: identidade nacional, identidade étnica, identidade social, cada um deles com uma gama de significados e métodos de análise próprios” (SILVA, 2005, p. 72). Focalizando em definição filosófica, a qual agrega conceituações antropológicas e psicológicas, Dominique Wolton (2004) define identidade como o caráter do que permanece idêntico a si próprio; como uma característica de continuidade que o ser mantém consigo mesmo. No que se refere à identidade cultural, a autora afirma que seria a partilha de uma mesma essência entre diferentes indivíduos. Para a Psicologia Social, a identidade social é o que caracteriza cada indivíduo como pessoa e define o comportamento humano influenciado socialmente. E identidade social é o conjunto de papéis desempenhados pelo sujeito. Já na Antropologia, o conceito

de identidade serve para uma infinidade de abordagens diferentes. O antropólogo social Roberto da Matta (1984), citado por Silva (2005), usa a noção de identidade para discutir a construção de uma identidade nacional brasileira. A construção de identidade social é feita de afirmativas e negativas, a partir dos posicionamentos dos indivíduos diante das situações do cotidiano.

Outro conceito relevante é o de êxodo rural, que, segundo Wagner de Cerqueira, “é uma modalidade de migração caracterizada pelo deslocamento de uma população da zona rural em direção às cidades; é um fenômeno que ocorre em escala mundial” (CERQUEIRA, 2013). O desencadeamento do êxodo rural é consequência, entre outros fatores, da implantação de relações capitalistas modernas na produção agropecuária, na qual o modelo econômico privilegia os grandes latifundiários, e a intensa mecanização das atividades rurais expulsa os pequenos produtores do campo.

A urbanização no Brasil, o processo migratório do Nordeste para o Sudeste e a expansão urbana na década de 1960

Na década de 1960, o Brasil sofria um intenso processo migratório da região Nordeste para o Sudeste. Muitos foram os fatores que favoreceram essa migração, entre eles a seca que castigava o Nordeste, a urbanização, o processo de industrialização, e o crescimento econômico.

João Manuel Cardoso Mello e Fernando A. Novais, em *História da vida privada no Brasil* (1997), pontuam que entre 1945 e 1964 viviam-se no Brasil os momentos decisivos do processo de industrialização. Com a instalação de áreas tecnologicamente mais avançadas, que pediam investimentos de grande porte, as migrações internas e a urbanização ganharam um ritmo acelerado. Afirmam os autores que: “o ano de 1964 marca uma inflexão, com a mudança do “modelo” econômico, social e político de desenvolvimento, e esta transformação vai se consolidando a partir de 1967” (MELLO; NOVAIS, 1997 p. 560). Eles destacam também que, nessa

ocasião (1964-79), as dimensões mais importantes dessa transformação não foram perceptíveis, deixando a ideia de uma continuidade fundamental do progresso, manchada, para muitos, pelo regime autoritário.

Conforme os autores, numa época curta de cinquenta anos, de 1930 até o início dos anos 80, e, mais rapidamente, nos trinta anos que começam em 1950 e vão até o final da década de 70, o Brasil tinha sido capaz de construir uma economia moderna, introduzindo os padrões de produção e de consumo próprios aos países desenvolvidos. Fabricava-se quase tudo: o aço e até aços especiais, na Companhia Siderúrgica Nacional, na Cosipa, na Usiminas, na Acesita, em Tubarão, etc. Saíam da Petrobras e de suas subsidiárias, como da indústria petroquímica, o petróleo e seus derivados, a gasolina, o óleo diesel, o óleo combustível, o asfalto, o plástico, o detergente e tantos outros materiais de limpeza. Segundo os mesmos autores, a engenharia brasileira erguera hidroelétricas gigantescas, equipadas com geradores e turbinas nacionais, de Furnas, Três Marias e Urubupungá até Itaipu. “A indústria do alumínio era uma realidade, a do cimento, a do vidro e a do papel cresceram e se modernizaram; as indústrias tradicionais, de alimentos, a têxtil, de confecções, calçados, bebidas, móveis, também” (MELLO; NOVAIS, 1997 p. 561), assim como também, a indústria farmacêutica e a de produtos de beleza. Elaborou-se um sistema rodoviário que cortava o Brasil de ponta a ponta, com algumas estradas de nível internacional. As primeiras foram a Via Dutra, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro; a Via Anchieta, de São Paulo a Santos, e a Via Anhaguera, de São Paulo a Jundiaí e, após, até Campinas. Ergueram-se arranha-céus altíssimos, feitos de aço, concreto e vidro, equipados com elevadores nacionais. Produziam-se automóveis, utilitários, caminhões, ônibus e tratores. Por outro lado, “as políticas de incentivo às exportações, [...] juntamente com as novas bases de crédito rural, promoveram grande modernização (socialmente conservadora) principalmente no agro e na agroindústria” (CANO, 1997, p.108)¹.

Para Wilson Cano (1997), na década de 1960 foram dados, no Brasil, incentivos e alguns investimentos os quais tinham como objetivos: completar a estrutura industrial brasileira, substituir importações de insumos básicos e bens de capital e contornar os problemas cambiais consequências da crise do petróleo (projetos de carvão, não ferrosos, álcool de cana, energia elétrica e petróleo). Esses projetos, impuseram maior uso das bases periféricas de recursos naturais (ferro, não ferrosos, carvão, petróleo, produtos químicos básicos, papel e celulose, álcool e eletricidade), transformando as estruturas produtivas e de exportação e com isso, desconcentrando ainda mais a produção. Nesse período, São Paulo recebia mais de 1,3 milhão de emigrantes nacionais, o Paraná, 800 mil, o Rio de Janeiro e Brasília, cerca de 300 mil cada. No entanto, os fluxos de saída também cresceram: o Maranhão passou a ser expulsador, devido à crise e a política econômica criada a partir do golpe militar resultando em recessão, queda salarial e desemprego, os quais abalavam a forma de vida urbana, até então suportável “fechando a fronteira”, enquanto o Rio de Janeiro e o Paraná já antecipavam a alteração mais radical que aconteceria com seus saldos migratórios na década posterior. “Considerada, em abstrato, “a cidade” exerce funções industriais, comerciais, de serviços de toda espécie, inclusive religiosos, administrativos, militares, sanitários etc” (SINGER, 1973, p. 139).

Migrações do Nordeste para o Sudeste brasileiro (década de 1960)

Se, por um lado, algumas regiões do Brasil no período de 1960, como o Sudeste, avançavam devido ao crescimento econômico e atraíam milhares de indivíduos, em outras, como no Nordeste, aconteciam fenômenos que favoreciam o processo de migração para polos regionais: capitais do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, onde os serviços de infraestrutura urbana eram mais desenvolvidos.

Para Manoel Correia de Andrade, no que se refere à agricultura, em *A problemática da agricultura no Nordeste*, a cana de açúcar, devido ao seu longo ciclo vegetativo, é a cultura que emprega os trabalhadores por um período mais longo durante o ano. Porém, nos períodos de plantio de maio a julho ocupa os trabalhadores locais. Já na época da safra, que se estende de setembro a março ou abril emprega uma grande quantidade de trabalhadores que migram do Agreste e do Sertão. Todavia, apresenta também certos períodos em que necessita de menor quantidade de mão de obra, e não só dispensa trabalhadores, como passa a limitar o número de dias da semana de trabalho dos seus moradores a quatro ou cinco conforme suas necessidades. E nos períodos de plantio de maio a julho ocupa os trabalhadores locais. “Cada um desses períodos requer um número desigual de braços, provocando um desemprego parcial da população dedicada à agricultura que parte para as cidades à procura de trabalho” (ANDRADE, 1962, p. 115).

Ainda de acordo com o mesmo autor, o trabalho agrícola era quase totalmente manual. No plantio usava-se enxada, nos terrenos úmidos, o “furão” (instrumento herdado dos indígenas). Só algumas empresas possuíam trator e máquinas agrícolas. A agricultura nordestina era do tipo extensivo e a produtividade do trabalho na região era consideravelmente baixa, há um baixo nível econômico e baixa produção de cereais por agricultor. O Nordeste era considerado subdesenvolvido².

Outro autor que se preocupou com a questão dos vazios geográficos do Nordeste foi Josué de Castro em *Geografia da fome* (1984). Na obra, o autor trata das áreas geográficas com populações locais submetidas permanentemente a um regime de subalimentação e de carência. No estudo desta área – a do sertão nordestino – era possível encontrar um novo tipo de fome, inteiramente diferente. Não mais a fome atuando de maneira permanente, condicionada pelos hábitos de vida cotidiana, mas apresentando-se episodicamente em surtos epidêmicos. Castro (1984) diz que são surtos agudos de fome que surgem com as secas, intercaladas ciclicamente com os períodos de relativa abundância que caracterizam a vida do sertanejo nas

épocas de normalidade. O mesmo autor afirma que: “as epidemias de fome destas quadras calamitosas não se limitam, no entanto, aos aspectos discretos e toleráveis das fomes parciais, das carências específicas, encontradas nas outras áreas até agora estudadas” (CASTRO, 1984, p. 167). Ele ainda enfatiza que se trata de epidemias de fome global quantitativa e qualitativa que no Nordeste alcançaram incrível violência os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda, atingindo indistintamente a todos, ricos e pobres, fazendeiros abastados trabalhadores do eito, homens, mulheres e crianças; todos foram açoitados de maneira impiedosa pelo terrível flagelo das secas.

Por outro lado, para Marco Antonio Villa (2000), em *Vida e morte no Nordeste*, o drama das secas tem uma história antiga. “A seca teria ficado restrita à literatura dos anos 1930 e 40, ao Cinema Novo, à música de Luiz Gonzaga, portanto, ao passado cada vez mais longínquo” (VILLA, 2000, p. 20). O autor diz que, em Alagoas, a situação era trágica no segundo semestre de 1877. O sertão ficou tomado por milhares de retirantes, “completos esqueletos, a pé, seminus, com as trouxas e os filhinhos gritando nas costas, que faz cortar o coração” (VILLA, 2000). Dois meses após, o “Diário de Notícias”, (de Salvador) noticiou que a seca tinha assumido “proporções aterradoras na província de Alagoas”. As cidades foram invadidas por milhares de retirantes nus, esfarrapados, mortos de fome, com pele e ossos.

Conforme Villa (2000), além das epidemias e da fome generalizada, os sertanejos sofriam com os comissários da seca nomeados pelos governos provinciais. No Ceará, os conflitos foram constantes: em Fortaleza, em 18 de março de 1878, os trabalhadores da pedreira do Mucuripe, homens e mulheres, desesperados com a falta de viveres, atacaram a pagadoria e foram recebidos com tiros pela força policial: dezenas deles ficaram feridos. Destaca Villa que:

Os flagelados não foram somente assolados pela miséria, pela fome e pela perda de tudo que tinham conquistado em anos de árduo trabalho. Nos anos de 1877-1879 diversas vezes forças policiais cometeram atrocidades atacando retirantes, saqueando residências e assassinando inocentes (VILLA, 2000, p.195).

Villa (2000) afirma também que para o sertanejo não restavam muitas saídas. Permanecer onde vivia, apesar de todos os pesares, era a alternativa preferencial, como destaca o autor: “o amor à terra marcou a sua vida. Manter-se nela representava para aquele que nada tinha e mesmo para o pequeno proprietário ter de submeter-se ao todo poderoso do local, normalmente um latifundiário” (VILLA, 2000, p. 227). A emigração acabou levando milhares de nordestinos para outras regiões do país. O Nordeste, por causa da constância das secas, ao longo do tempo, tornou-se a região onde ocorreram os maiores movimentos demográficos, tanto internos, como externos. Milhares de nordestinos foram para a Amazônia; outros emigraram para outras províncias da região menos afetadas pela seca, como o Maranhão e o Piauí. A migração para o Sul só passou a representar um movimento demográfico expressivo no século XX devido ao fato dos estados do Sul terem se industrializado, acelerado a concentração de atividades industriais, e, conseqüentemente terem se urbanizado.

O êxodo rural na obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector (1970)

Embora existam no Nordeste brasileiro vários atrativos naturais, gastronômicos e culturais, foram os vazios existentes na região Nordeste, citados anteriormente, que levaram Macabéa, protagonista da obra *A Hora da Estrela* partir de Alagoas em busca de melhores condições de vida. “As chuvas intensas não aconteciam desde meados de 1969, os rios estavam secos, os açudes com as águas cada vez mais baixas e milhões de pessoas passando fome” (VILLA, 2001, p. 85). Esses vazios, por sua vez, estão relacionados à vida da heroína durante sua estadia no Sudeste.

Conforme Clarisse Fukelman, em *A Hora da Estrela* (1992),

Macabéa, em tudo e por tudo, é o oposto do herói épico. Sua trajetória de vida aponta para a inviabilidade dos grandes feitos na sociedade moderna. Ela era proveniente de um meio rude, órfã, de pai e mãe, criada em Alagoas a pancadas pela tia. Não teve propriamente uma história pessoal, imigrante nordestina e vivia desajustada no Rio de

Janeiro. O cotidiano de Macabéa confirma, em cada detalhe, a sua inabilidade e seu despreparo para o enfrentamento mais elementar diante das dificuldades inerentes à vida. Pouco habilitada para o trabalho, fracassou também no amor. A sua única conquista amorosa, o desajeitado Olimpo, fugiu-lhe das mãos como água. Felicidade para ela era um conceito vago. De índole passiva, tornou-se presa fácil dos mitos e produtos da indústria cultural. Admirava as estrelas do cinema e sentia-se fascinada pelos anúncios publicitários. As notícias desconexas do programa cultural Rádio Relógio integravam este contexto alienante, dentro do qual o cotidiano se fazia em um tempo meramente físico, desprovido de uma ação subjetiva que com ele interagisse numa proposta de transformação. Inexiste passado; inexistente projeto futuro (FUKELMAN, 1992, p. 14).

De acordo com José Castello (1998), Clarice Lispector nasceu em Tchetcheknik, pequena cidade da Ucrânia, e chegou ao Brasil aos dois meses de idade, naturalizando-se brasileira posteriormente. Criou-se em Maceió e Recife, transferindo-se aos doze anos para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito, trabalhou como jornalista e iniciou sua carreira literária. Viveu muitos anos no exterior, em função do casamento com um diplomata brasileiro, teve dois filhos e faleceu em dezembro de 1977, no Rio de Janeiro.

Elizabeth Robin Zenkner Brose (1999) salienta que Lispector circunscreve no cenário da literatura brasileira um espaço inusitado. Sem coincidir com o neo-regionalismo de trinta, nem com a experimentação linguística, a escritora busca a expressão, através de uma linguagem comum, do conflito fundamental da humanidade, a essência e a existência do ser. Brose segue afirmando que o romance de Clarice Lispector, findo meses antes de sua morte em 1977, apresenta a seguinte situação: a consciência do ser humano de ser nada e a morte como o estado de igualdade entre as pessoas. A estrutura da obra em estudo, constrói-se de personagens, tempo, espaço, e visão do narrador. Só que tais elementos, no romance existencial, refletem uma realidade fragmentada e um ser humano desconsiderado por seu universo circundante. É nesse panorama que a escritora reinventa o mundo, reconstrói a realidade mutilada e fornece o material de reflexão.

Por outro lado, conforme José Castello (1998) pouco antes de morrer, em 1977, Clarice Lispector decide se afastar da inflexão intimista que caracteriza sua escrita para desafiar a realidade. O resultado desse salto na

extroversão é *A Hora da Estrela*, o livro mais surpreendente que escreveu. Se desde *Perto do coração selvagem*, seu romance de estreia, Clarice estava de corpo inteiro, todo o tempo, no centro dos seus relatos, agora a cena é ocupada por personagens que nada se parecem com ela.

Castello (1998) afirma que a nordestina Macabéa, a protagonista de *A Hora da Estrela*, é uma mulher miserável, que mal tem consciência de existir. Depois de perder seu único elo com o mundo, uma velha tia, ela viaja para o Rio, onde aluga um quarto, se emprega como datilógrafa e gasta suas horas ouvindo a Rádio Relógio. Apaixona-se, então, por Olímpico de Jesus, um metalúrgico nordestino, que logo a trai com uma colega de trabalho. Desesperada, Macabéa consulta uma cartomante, que lhe prevê um futuro luminoso, bem diferente do que esperava.

O autor coloca ainda que: “entre a realidade e o delírio, buscando o social enquanto sua alma a engolfava, *A Hora da Estrela* é um romance sobre o desamparo a que, apesar do consolo da linguagem, todo estão entregues” (CASTELLO, 1998).

A saída do Nordeste para o Sudeste sob o olhar da obra A Hora da Estrela

Suzi Frankl Sperber (1983), em *Os pobres da literatura brasileira*, afirma que é como humano desnudado que Macabéa vai ser apresentada, resumida a si mesma, carente de origens (pai e mãe, de que desconhece até os nomes), impossibilitada de reproduzir (não dotada de ovários), desligada da cidade de onde veio e daquele onde vive, e sem amigos. A autora diz que a carência da migrante é total; no entanto não chama a atenção e não merece nem piedade, nem esforço de luta, já que ela é uma alienada, inconsciente. Destacam Bottomore e Rubel (1964 p. 180) que:

Toda a alienação do homem de si mesmo e da Natureza aparece nas relações que ele estabelece, entre os outros homens, com ele mesmo e a Natureza. No mundo real da prática, essa autoalienação só pode ser expressa na relação prática entre o meio e seus semelhantes. O

meio pelo qual se dá a alienação é, em si, mesmo prático (BOTTOMORE; RUBEL, 1964, p. 180).

Para Sperber, ainda, Macabéa é tudo que é não: é feia, mas não chama a atenção, nem pela feiura; não é branca, não é preta, não é mulata: é “pardacenta”, ou “encardida”; é tuberculosa, mas não sabe quais os riscos da doença; é burra, mas é datilógrafa, o que já é ter pelo menos o *status* de alfabetizada; tem total inconsciência de sua condição e acha que é feliz; é delicada e fina por educação: uma educação feita pelo castigo corporal e que, por sua vez, nada tem a ver com sua condição. “Tão jovem e já com ferrugem, Macabéa é uma incompetente para a vida” (LISPECTOR, 1977, p. 32). Isto inclui a sua incompetência para a luta social, diante das diferenças concretas que se apresentam.

Ela nem se dava conta que numa sociedade técnica, ela era um parafuso dispensável. Macabéa é feita de contradições, reúne em si a pobreza econômica, física, alimentar e intelectual, de saúde, de costumes, de lazer, sempre de acordo com os padrões dominantes. Além disto, é mulher, meio mestiça na raça e na religião (SPERBER, 1983, p. 83).

Ela é minoria. Representa, portanto, os grupos minorizados. Por isto não tem espaço na sociedade. A autora segue afirmando que a personagem na perda de sentido histórico para a sua vida, aliena-se de si mesma. Vive o instante plenamente que, de repente, não tem noção de sua identidade. Segue o cotidiano, como qualquer instante ao qual se entrega sem intenções. Macabéa se conserva encantada em sua vida, como num casulo ou como em estado de hibernação.

Sperber coloca que com relação aos espaços, o espaço ocupado pela “heroína” do livro é nenhum. Ela precisa de um artifício para que possa usufruir, por um dia, o quarto que compartilha com quatro companheiras. Nesse contexto de miséria humana, tudo é luxo, até a tristeza. “E mesmo tristeza também era coisa de rico, era para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo. E tudo é ousadia. A sociedade é mistério que não consegue ser decifrado. Decifra-me ou devoro-te” (LISPECTOR, 1977 p. 74).

Já para Eduardo Portella, presente na obra *A Hora da Estrela* (1977), a moça alagoana é um substantivo coletivo. A perda, o vazio, o oco, são instâncias metafóricas da interdição histórica. Porém, com a consciência radical e avassaladora. “Só se é tudo a partir de nada. O não ser da moça nordestina – o não ser do Nordeste? É o Midas de tudo” Para Portella: O vazio de Macabéa não é uma instância metafórica: é um fato (1977, p. 10).

Por outro lado, para Fukelman (1992), a solidificação dos fatos da narrativa se faz por uma leitura da história do Nordeste sem identidade em Macabéa e pela articulação entre sua obra e a história literária brasileira. Abdica de ser modernoso, satiriza a “*história com começo, meio e gran finale seguido de silêncio e chuva caindo*” (FUKELMAN, 1992), e estabelece um diálogo com a literatura de cordel, em que o Nordeste se fala, e a literatura que fala o Nordeste.

Por este último confronto, escolhe o nordestino que mudou de espaço, desenraizou-se, perdeu o respaldo de seu grupo, bloco estigmatizado e mudo na vida da grande metrópole. Comovido, o narrador se desvincula do padrão de interpretação “realista”, e deixa vazar a sua ternura e seu desespero por suas personagens nordestinas: Macabéa e Olimpo. Reescreve, assim a famosa frase de Euclides da Cunha:

O sertanejo é antes de tudo um paciente. Eu o perdoo.” Se interesse pela figura do nordestino se mantém, ela exige, todavia, uma nova dicção: a da palavra-pedra, da linhagem do poeta pernambucano João Cabral de Mello Neto. A “palavra tem que parecer com palavra”, pois o escritor se apaixonou “por fatos sem literatura; fatos são pedras duras (FUKELMAN, 1992, p. 30).

No que tange à relação com trabalho, Elizabeth Robin Zenkner Brose (1999) coloca que Macabéa tem um amor por sua produção. Ela apropria-se do papel datilografado às duras penas carinhosamente. Portanto, esse modo de trabalho da “heroína” religa o ser humano com sua humanidade e o completa, dignifica e qualifica. Ela sai do âmbito da explorada quantitativamente, para surpreender o patrão com um texto mal datilografado, manchado com manteiga, mas querido. “Macabéa é gentil e

afetuosa com o que produz e também com o seu ríspido patrão, representante da opressão da humanidade do ser” (BROSE, 1999, p. 84).

Brose afirma, ainda, que à medida que a protagonista sofre de todo o tipo de ausência e exclusão, seu ideal é inacessível e a solução é o fim da vida. Apesar de tudo, esse mito, esse sonho perseguido, é o elo de ligação entre o eu-biológico e o eu-pessoal. Conforme a mesma autora, se Macabéa for considerada a representação de ser humano, o imaginário dela constrói uma ficção orientadora, através da qual ela se reconhece e afirma suas bases morais. Seguindo sua análise, a niilização do ser humano o precipita para uma vida sem projetos, e seus ideais dissolvem-se pelas contingências. Macabéa imita esse ser real massacrado, sem propósito. Ela repete o que aprendeu com a tia: “*a menina não perguntava por que era sempre, mas nem tudo se precisa saber*” (BROSE, 1999). Segundo a *A Hora da Estrela* (p. 36): “se a tia a machucava, quando pequena, e não expunha os motivos, Macabéa assim o fez durante sua existência. Não perguntava a razão do desgosto do patrão, nem do desconforto do namorado, nem da traição da Glória, sua amiga”. A “heroína” teria dignidade suficiente para receber explicações.

Para Brose, Macabéa e o namorado Olímpico são a negação que o sistema niilizou, mas despertam o seu positivo em trechos irônicos, absurdos, e por isso mesmo, bem humorados. Olímpico tenta ser gentil na hora do adeus para sempre. “Você Macabéa, é um cabelo na sopa” (LISPECTOR, 1998, p. 73). Em outro momento a personagem diz: “na Rádio Relógio disseram uma palavra que achei meio esquisita: mimetismo. O namorado responde: – Isso lá é coisa para moça virgem falar?” (LISPECTOR, 1998, p. 67).

Por outro lado, Berta Waldman (1989) diz que de certa forma, “Macabéa é despojada e que esse despojamento assim como, sua interdição da História, a par de sua resistência [...] resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito; são índices que remetem às carências da nordestinidade. Esta construção feita sobre os andaimes da falta e do vazio, entretanto, vista de um outro ângulo, aponta para o reverso: a plenitude (LISPECTOR, 1998, p. 96).

A personagem, em sua simplicidade, é o ser sem fissuras, contínuo, que existe no espaço paradisíaco onde os seres participam do núcleo das coisas, espaço que se mostrou impossível para outras personagens de Clarice Lispector. Por isso, ela é aproximada ao animal: “Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (LISPECTOR, 1998, p. 34). Por fim: “Macabéa está fadada a amadurecer no final da narrativa, momento em que o destino dela é determinado pelas palavras providenciais da cartomante, encontra sua na morte” (WALDMAN, 1989, p. 69).

O Êxodo Rural Nordestino: relações de proximidade e/ou distanciamento entre a historiografia brasileira e a obra *A Hora da Estrela*

Por se tratar de literatura, percebe-se que alguns aspectos na obra *A Hora da Estrela* se aproximam da historiografia brasileira, enquanto que outros se distanciam, como diz João Alexandre Barbosa em seu artigo *Literatura nunca é apenas Literatura*: “qualquer texto que tenha por base a intensificação de valores daquilo que chamamos de uma ou outra maneira aproximada de valores literários existe sempre a necessidade de conhecimento de duas linguagens” (1993, p. 23).

O autor segue afirmando que na leitura de qualquer poema é preciso conhecer duas linguagens: a língua em que o poeta está escrevendo e a linguagem da própria poesia. O que se lê como literatura é sempre mais – é História, Psicologia, Sociologia.

Na obra em questão, a protagonista, Macabéa é uma representante dos retirantes que encheram os grandes centros urbanos do Brasil na década de 1970, pois ela parte de Alagoas para o Rio de Janeiro para ter uma vida melhor. Pode-se, então, afirmar que a Literatura se aproxima da História, pelo fato de o livro abordar esse fenômeno do êxodo rural muito crescente no nosso país naquela ocasião. Outro aspecto na obra que faz com que haja essa

aproximação, é a característica da urbanização no Rio de Janeiro, presente na obra, resultado das migrações que atingiram o país.

Por outro lado, na obra de Clarice Lispector há aspectos que fazem com que a Literatura se distancie da História, pois Macabéa possui características tanto físicas quanto psicológicas que são apresentadas de forma exacerbada:

Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem (LISPECTOR, 1977, p. 25).

João Alexandre Barbosa (1993) afirma também que há sempre mais que literatura na literatura. No entanto, esses elementos ou níveis de representação da realidade são dados na literatura pela literatura, pela eficácia da linguagem literária. Então, entre esses níveis de representação da realidade e sua textualização, no seu aparecimento enquanto literatura, há um intervalo – mas é um intervalo, como na música, muito pequeno e que é preciso ser muito rápido para perceber.

De acordo com Pacheco e Patarra (1997) a concentração da atividade econômica aliada à produção de um excedente populacional no campo e a própria incapacidade das áreas urbanas das regiões mais atrasadas em absorver essa população, já apontavam o sentido que iriam assumir os expressivos movimentos migratórios que caracterizaram todo o período de 1920 a 1980. A dimensão da migração interna revela a intensa mobilidade social que caracterizou o período de rápido crescimento da economia brasileira. E é ainda maior quando se contabiliza a migração rural-urbana de todas as regiões. Após 1930, em termos inter-regionais, o Nordeste e Minas Gerais transformaram-se em áreas tipicamente expulsadoras. Este processo também passou a abarcar, gradativamente, e em menor grau o extremo Sul do País. A essas regiões foram sendo agregadas as antigas áreas de fronteira

agrícola, como Paraná e Maranhão, e, mais tarde, inclusive, parte do Centro-Oeste.

Mesmo que as migrações reflitam processos complexos, com transformações sucessivas das áreas de atração e da natureza dos fluxos, que vão se transformando de rural-urbano para urbano-urbano, seus principais determinantes podiam, ao menos até 1970, ser aprendidos.

Macabéa nascera inteiramente raquítica, herança do sertão. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. [...] a tia que não se casara por nojo é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma das moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem (LISPECTOR, 1998).

Resta-nos apontar neste trabalho que no que tange à questão do contato do migrante nordestino com a metrópole, tanto a História quanto a Literatura são categóricas ao mostrar que o sistema capitalista faz com que ao chegarem na cidade grande, a maioria dos indivíduos vindos do Nordeste ao invés de serem inseridos na sociedade, acabam sendo excluídos. Porém, há também um distanciamento entre estas duas forças, História e Literatura, uma vez que a primeira generaliza o nordestino, enquanto a segunda se utiliza de um representante desse indivíduo, nesse caso, a nordestina Macabéa. Outro fator que faz com que haja este distanciamento é que a Literatura é atemporal e inverossímil enquanto a História tenta reconstruir a experiência do vivido e é verossímil.

Segundo França e Queiroz (2013) em seu artigo *A dinâmica das fronteiras migratórias no território brasileiro: análise a partir da trajetória familiar do Nordeste ao Centro-Oeste* (2013), o fenômeno das migrações no Brasil aparenta ter como condições premissas, suas causas na pobreza, no desemprego, no abandono em que os governos renegam o povo, na falta de garantia dos direitos humanos e sociais básicos e ainda a marginalidade social e a dificuldade de empregos estáveis constituem duas faces da mesma moeda. São fatos como este que levam as pessoas a se desvincularem do seu território

de origem e a buscarem condições que acreditam favoráveis a si e à sua família. Muitos deixam para trás toda uma relação socioespacial construída em torno da sua localidade, onde pessoas diferentes se inserem em apenas poucos contextos.

Para o autor Martins em sua obra *O problema das migrações e da exclusão social no liminar do terceiro milênio*, o qual foi citado em França e Queiroz (2013), não existe exclusão propriamente dita, e sim um equívoco de utilização do termo, inventado pelo próprio sistema de produção capitalista, onde todos são excluídos de alguma particularidade, no entanto o capitalismo trata de uma forma generalizada a “pobreza” como fato de exclusão social, e seu interesse em comum é de enfim incluir de certa forma toda a população no processo de produção capitalista, cada qual em sua função, a exemplo do proletariado e da burguesia. O próprio sistema que subjuga a classe de baixa renda como excluídos necessita em primeira instância dessa classe, agente produtor e consumidor concomitantemente, na produção da riqueza através da venda da força de trabalho, ou no próprio consumo das mercadorias produzidas.

No imaginário de Clarice Lispector, uma representação dessa realidade aparece da seguinte forma:

Depois- ignora-se por quê- tinham vindo para o Rio de Janeiro, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjava emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas (LISPECTOR. 1998).

No livro de Lispector é dito ainda que:

As companheiras de quarto – Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas- não se incomodavam. Estavam cansadas demais pelo trabalho que nem por anônimo era menos árduo. Uma vendia pó-de-arroz Coty, mas que ideia [...] O céu é para baixo ou para cima? Pensava a nordestina (LISPECTOR, 1998).

Retomando França e Queiroz (2013), as relações advindas com a nova territorialização parecem ser significativas sobre a maioria das perspectivas encontradas, onde sempre o sujeito procura uma melhoria e posteriormente tem o desejo de voltar à terra de origem, não somente a passeio.

Neste caso não é apenas a condicionante econômica que levou este indivíduo a buscar um novo lugar. Ele se torna imigrante não somente como força de trabalho, mas também como forma de se refugiar da construção espacial desigual que leva a muitas pessoas viverem na e da marginalidade. O sonho de paz ao qual ele se recorre, talvez seja uma sociedade mais justa e igualitária, ou quem sabe seja a vontade de ir a um lugar em que possam ter relações parecidas com as suas estabelecidas no Nordeste e que tenham se perdido no processo de desterritorialização ao longo de sua vida.

É perceptível que os fenômenos de migração não são em si apenas uma mobilidade dentro do território, mas que envolvem inúmeros aspectos capazes de configurar os espaços dados à distinção cultural de indivíduos ali presentes.

Neste aspecto, a migração acaba testemunhando a necessidade permanente de superar situações que se desgastaram e que precisam ser ultrapassadas. A migração sinaliza a urgência de mudanças e condicional a uma movimentação populacional no território em busca dos mais diversificados anseios que vão desde a sobrevivência para os pobres e refugiados ao turismo pela classe alta (FRANÇA; QUEIROZ, 2013, p. 10).

Clarice Lispector, no livro em questão, simbolicamente, tenta oferecer uma versão o mais possível aproximada do acima exposto:

Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. [...] Às vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafinada de meninas brincando de roda de mãos dadas – ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão (LISPECTOR, 1998).

Mas um dia viu algo que por leve instante cobiçou: um livro que seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. A nordestina se perdia na multidão. Na praça Mauá onde tomava o ônibus fazia frio e nenhum agasalho havia contra o vento (LISPECTOR, 1998).

Considerações Finais

A Literatura é atemporal. A obra de Clarice Lispector *A Hora da Estrela*, apesar de ter sido escrita em 1970, trata de um tema que se mantém atual, pois ainda hoje muitos nordestinos partem para as regiões Sul e Sudeste no intuito de melhorar de vida, mas, ao chegarem ao seu destino, na maioria das vezes, são hostilizados e ficam à mercê de uma organização social capitalista, que os estigmatiza e os marginaliza.

Conforme Sandra Pesavento, História e Literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são compostas de aspecto de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo visto e o não-visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, e a música. Os personagens literários, neste caso, Macabéa têm perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico”, que expressam não no acontecer da vida. São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo.

Ainda para a autora, o mundo da ficção literária dá acesso para os historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de “real acontecido”, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam.

Todas estas questões enunciadas revelam a riqueza de uma velha-nova história, encontram-se ao abrigo da postura que se convencionou chamar de história cultural. Esta, a partir de seus pressupostos e preocupações, proporciona uma abertura dos campos de pesquisa para a utilização de novas fontes e objetos, entre os quais se encontra o texto literário (PESAVENTO, 2006, p. 24).

Cátia Aparecida Fialho da Silva é graduada em Letras e é Especialista em História do Brasil Contemporâneo (FAPA).
Contato: catia@mesquitacolegio.com.br

Artigo recebido em: 04-12-2020
Aprovado em: 27-01-2020

Como citar este texto: SILVA, Cátia Aparecida Fialho da. Macabéa: o retrato de um Nordeste minorizado. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 06, nº 01, p. 111-135, 2020.

Referências

- ANDRADE, Manoel Correia de. **A Problemática da Agricultura no Nordeste**. 1962. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/schola>. Acesso em 02/12/14.
- BARBOSA, Alexandre. **Literatura nunca é apenas Literatura**. 1993. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/schola>. Acesso em 02/12/14.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1984.
- BOTTOMORE, T.B., RUBEL, Maximilien. **Sociedade e Filosofia Social de Karl Marx**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- BROSE, Elizabeth Robin Zenkner. **O Existencialismo em A Hora da Estrela**. Porto Alegre, Edipucrs, 1999.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1976.
- CASTRO, Josué. **Geografia da Fome**. Rio de Janeiro: Antares, 1984. Disponível em: <http://exsaladeaula.zip.net/arquivos/josue>. Acesso em 02/12/14.
- CERQUEIRA, Wagner de. **Equipe Brasil Escola**. Disponível em: <http://WWW.brasile scola.com/geografia>. Acesso em 13/12/2013
- DAMIANI, Amélia. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- DECCA, Edgar Salvadori de; LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. UFRGS, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.
- MELLO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil**. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1997.
- PACHECO, Carlos Américo; PATARRA, Neide. **Movimentos Migratórios Anos 80: novos padrões, 1997**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/1EncNacSobreMigracao/AnaisENSMigracaoCuritiba1997>. Acesso em: 02/12/14.
<http://exsaladeaula.zip.net/arquivos/josue.pdf>
- PESAVENTO, Sandra. **História & Literatura**. Uberlândia. EDUFU, 2006.
- NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo. Quíron, 1973.
- NUNES, José Luiz Martine. **Dicionário de História**. Porto Alegre: Evangraf, 2008.
- SCHWARZ, Robert, org. **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Calina Vanderlei. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

VILLA, Marco Antonio. **Histórias das Secas no Nordeste nos Séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática, 2000.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília: UnB, 2004.

¹ As ideias canianas afirmam que essas políticas de incentivo às exportações de início atuavam mais no Sul, São Paulo e Centro-Oeste e, mais tarde, beneficiavam também Minas Gerais e algumas áreas do Nordeste; elas descentralizavam e desconcentravam um pouco da produção nacional daqueles segmentos. (Wilson Cano, 1997).

² Conforme Andrade (1962), se considerada a baixa produção de cereais por agricultor, somando-se a produção total de cereais e dividindo-se pelo número de agricultores (469kg) assim como a tonelagem da produção agrícola pela população na agropecuária (7.877 kg), e ainda a relação entre o número de agricultores e a população. Os números indicados são suficientes para indicar a baixa produtividade da agricultura nordestina e a necessidade que pesquisas de campo sejam feitas para complementar uma pesquisa geral e baseada em dados já elaborados, a fim de que se possa aconselhar uma política de elevação de produtividade de terra e de trabalho. A elevação da produtividade é indispensável à consolidação de uma política desenvolvimentista, que arranque o Nordeste dos baixos níveis econômicos e do subdesenvolvimento que se encontra a região.